

# Origens da formação do Estado

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

## CONCLUSÃO

Conforme nossa promessa contida em nossa edição anterior, vamos concluir o importante trabalho do nosso amigo e colaborador, o professor IVES GANDRA DA SILVA MARTINS, sobre as "Origens da Formação do Estado", matéria, aliás, que suscitou inúmeras consultas feitas à nossa redação no tocante a outros trabalhos levados a efeito pelo ilustre mestre, às quais daremos, em nosso jornal — oportunamente — resposta de uma maneira generalizada.

Passemos, agora, aos já anunciados e restantes capítulos do focalizado trabalho. Principiaremos pelo...

### O MUNDO OCIDENTAL E ORIENTAL

Nos aproximadamente 6 mil anos de História conhecida e principalmente nos 3 mil anos de História, já se sentia a nítida formação de tendências entre as civilizações existentes, praticamente ilhadas no Próximo, Médio e Extremo Oriente. Em outras palavras, entre o complexo das civilizações egípcias, os diversos povos da Ásia Menor e da Mesopotâmia, desde os eslamitas e sumerianos às civilizações mais valentes, como os assírios, hititas e babilônicos, de um lado, e de outro os povos da Índia e a civilização chinesa.

Como as civilizações do Próximo Oriente foram que conheceu (Reinado, República e Império).

A própria queda do Império ocidental não representou o fim da concepção de Governo, mas apenas a transferência para aqueles que, perante uma cultura maior, foram por ela influenciados e aderiram às suas linhas fundamentais.

### A IDADE MÉDIA

A lição romana inspirou toda a Idade Média Ocidental (O Oriental apenas caiu sob a arremetida otomana). Os bárbaros não possuíam estruturas suficientes para imposição de seus estilos ao colosso conquistado e foram por ele absorvidos. Os vencedores romanizaram-se, submeteram-se ao seu magistério, adotaram suas formas jurídicas e, inclusive, a religião superior.

Conservaram, todavia, suas características próprias de povos independentes, muitas vezes de raças diferentes. Procuraram encontrar uma convivência real entre o Governo pelo direito, herdado dos romanos, com o Governo de direito absoluto, herdado das velhas tradições, e não conseguiram, por consequência, criar um império como o romano. A queda de Roma provocou um abalo profundo na concepção unitária do poder e o mundo começou a conhecer o aparecimento de um número infindável de pequenos reinados e feudos, onde as duas idealizações procuravam um ponto de equilíbrio.

O desesperado esforço de Carlos Magno, na tentativa de ressuscitar o Império, apenas lembrado por uma herança notável, não se revelou de maior resultado que todas as demais tentativas, em função, principalmente, da convivência entre os dois estilos de governo, que se entrelaçaram nos feudos e reinos aparecidos com o domínio bárbaro.

A Igreja Católica, verdadeira depositária da cultura da época, preservou, no milênio conhecido por Idade Média Européia, todos os valores civilizantes de uma antiguidade suficientemente rica em criações para inspirar todo o movimento renascentista.

Influenciou, também, uma certa moralização de costumes e a busca de ideais superiores, nem sempre compreendidos pelos senhores da época, nas suas reais dimensões, ao ponto de os fenômenos do cavaleirismo andante e das Cruzadas terem decorrido desta procura de ideais elevados.

De notar-se que o Direito passou por uma transformação notável, sendo que se atribui aos excessos praticados pela inquisição, a qual surge no final do período, a evolução mais marcante do Direito, qual seja a da fase probatória no processo, em substituição aos julgamentos ou ordálias, oriundos de uma época, em que os bárbaros exigiam o testemunho da inocência a partir de verdadeiros milagres (passar sobre brasas sem queimaduras por exemplo).

O certo é que a concepção de poder, na época, conheceu a convivência entre os estilos anteriores aos romanos e a dos próprios romanos, com o que nunca houve a pos-

sibilidade de formação de países, pulverizando-se a Europa numa infinidade de reinos e feudos, exceção feita a Portugal, que, para sobreviver aos árabes e espanhóis, viveu numa prática unitária de poder.

Por ter sido o país que rompeu com as fragilidades estruturais das sociedades políticas, tendo se preservado como uma nação coesa, compreende-se ter sido Portugal também o país que melhor se preparou para fazer frente ao alvorecer dos tempos modernos, que deu origem com as grandes descobertas.

O mundo entrava, graças aos portugueses, numa nova fase em que descobria suas potencialidades, sua extensão e, também, suas insuficiências. O mundo começava a trilhar, em primeiros passos, o problema, que agora deverá solucionar para continuar.

### A RENASCENÇA E OS TEMPOS MODERNOS

O movimento renascentista, as grandes descobertas, o início de formação dos grandes estados europeus, o estudo mais aprofundado da Economia e de suas regras na condução dos negócios privados e públicos, o susceder de guerras de ajustamento, e eliminação da influência moura, não estabelecida nas duas tentativas turcas de invasão européia, as guerras de ajustamento, a liberdade de pensamento crescente a contrapor-se a uma tendência absolutista maior dos governos, incapacitados de solucionar as aspirações criadas no espírito dos povos por alguns cérebros privilegiados, levaram a humanidade ocidental, de um lado, à conquista dos três grandes continentes (América, África, Ásia) e, de outro lado, a uma periodicidade de crises nacionais e européias, desembocadas na predominância de duas grandes nações (Inglaterra e França) sobre as demais.

A Península Ibérica decadente, após o quinhentismo, a Itália e a Alemanha não formadas, a Rússia despoticizada, os povos eslavos dominados, os Países Baixos e nórdicos inexpressivos, e a Áustria sem o tamanho e a importância de suas duas rivais, praticamente, permitiram o controle do mundo, em uma disputa entre os dois grandes países.

É interessante notar que os dois grandes estilos de pensamentos ocidental nasceram, nos quatrocentos anos de História, após a Idade Média, em dois países, ou seja, por uma "praxis" de democracia mais estável na Inglaterra (o episódio Cromwell apenas serviu para fazer do inglês um cidadão mais confiante nas suas estruturas políticas) e a explosão das idéias da Revolução Francesa, cuja falência aplicacional não eliminou a tomada de consciência do mundo dos direitos de cada indivíduo perante o Estado e deste perante o indivíduo.

A influência do estilo inglês (democracia parlamentarista) e das idéias francesas (nunca suficientemente testadas em sua validade institucional, não obstante o aparecimento e desenvolvimento do direito constitucional em suas dimensões atuais) permitiram que, na América, um povo iniciasse forma de governo, que iria abalar, profundamente, todas as gerações futuras em todos os países, qual seja a democracia presidencialista dos Estados Unidos.

O mundo tomou, então, consciência de que uma democracia seria viável a partir do homem comum, em que as nobrezas, reinados e classes dirigentes passariam a conviver com uma burguesia poderosa e enriquecida, detentora das rédeas da economia, dos processos de desenvolvimento e das finanças da época, numa agonizante tentativa de paralização do relógio do tempo.

As nobrezas surgidas durante dezenas de milênios, na pré-história, cuja agonia principiou na Grécia e com o Direito Romano, entraram em colapso final, no século passado, substituídas por uma crescente participação do povo, de onde começaram a sair as classes dominantes.

Os reinos existentes foram transformados em repúblicas instaladas e a própria França viveu período gangorra, com reinados contrabalançados por repúblicas.

A América, com exceção da experiência brasileira decorrente da presença da família real portuguesa, por sua vez, começou sua vida de independência sob regimes republicanos.

O século XIX deixou, portanto, o mundo enfrentando seus primeiros obstáculos, que continuariam com o desaparecimento dos grandes impérios, a autonomia de quase todos os povos, a tentativa de convivência das diversas culturas e dos diversos estágios de desenvolvimento, assim como das diferentes formas de governo, o que terminaria por ser estopim de duas guerras e infindáveis lutas regionais de libertação, sem que o resultado deste dramático desafio acabasse por mostrar os melhores caminhos para o futuro.

O homem no limiar do século XX demonstrou e demonstrará, a partir de então, duas características notáveis, surpreendentes e conflitantes, a saber:

a) — uma insuperável capacidade de diagnosticar seus males;

b) — e uma não menos insuperável incapacidade de aplicar qualquer terapêutica a seus problemas, de forma permanente.

**NOTA DA REDAÇÃO:** Em nossa próxima edição, do mesmo renomado autor, "O IMPOSTO SOBRE A RENDA EM UMA REFORMA TRIBUTÁRIA" — até lá, pois, se Deus assim o quiser.



DR. IVES GANDRA DA SILVA MARTINS